

A DIDÁTICA SOB O OLHAR DE BARTHES

**AUTORES: Antonio Edio Ferreira,
Maria Flávia Laureto**

RESUMO

O livro **Aula**, escrito por Roland Barthes e baseado num discurso proferido na Aula Inaugural do Colégio Francês, busca mencionar, dentre outras abordagens, as ideologias de poder, a Semiótica, a Literatura, o enfoque para a Didática e a competência crítica do educador. O foco principal diz respeito à discussão e entendimento da Didática sob o pensar de Barthes. Barthes defende a teoria de que o educador não pode interferir no processo de construção do saber efetivado pelo educando, usando como ferramenta a ideologia. O aluno, ao contrário, deve pensar e, portanto, elaborar seus próprios conceitos.

Palavras-chave: Didática. Ideologia. Alienação. Poder. Transformação.

ABSTRACT

The book *Lesson*, written by Roland Barthes and based in a speech pronounced in the Inaugural Lesson of the French College, searches to mention, amongst other approaches, as the ideologies of power, the Semiotics, Literature, the focus to the Didactics and the critical competence of the educator. The main focus refers to the discussion and understanding of the Didactics on the ideas of Barthes. Barthes defends the theory of that the educator cannot intervene with the process of construction of knowledge accomplished by educatee, using as tool to the ideology. The pupil, in contrast, must think, therefore, elaborate its proper concepts.

Keywords: Didactics. Ideology. Alienation. Power. Transformation.

O presente trabalho é baseado em um discurso feito por Roland Barthes (1915-1980) – escritor, sociólogo, crítico literário e filósofo francês – quando se apossou da Cadeira de Semiologia Literária no Colégio Francês, em 1977, do qual também resultou o livro *Aula*.

Este livro, por sua vez, esclarece, de forma geral, como o Poder está instaurado no cotidiano das pessoas, no entanto, de forma implícita, disfarçada, através da linguagem e, conseqüentemente, dos meios de comunicação, escolas, livros, discursos religiosos e/ou políticos. Barthes vai focar um pouco seus estudos na área de Semiologia, Literatura e, por fim, e o que nos interessa, a Didática.

A “astuciosa pluralidade do poder” é, enfim, exposta e analisada. Este poder que, através da língua, exerce uma relação fatal de alienação e nos torna submissos a ela.

Espera-se, neste trabalho, mostrar quais as linhas de pensamento que Barthes propõe no seu livro *Aula* para que o professor, realmente comprometido com sua atuação em sala de aula, não transmita ideologias que tornem o aluno submisso ao poder. Reconhecer como este poder está instaurado no âmbito educacional e, então, desvendar quais os meandros que podem ser utilizados pelo profissional da educação no sentido de não transmitir esse tipo de ideologia aos seus alunos.

Os métodos de estudo foram respaldados em discussões feitas acerca da influência ideológica que todas as pessoas sofrem no cotidiano, além da sua possível descaracterização de ser pensante. Juntamente, pesquisamos outros tipos de materiais que, assim como Barthes, denunciam a escravidão das camadas populares em torno de discursos de poder. Privilegiamos a obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire e a música *Brasil*, de Cazuza, que expressam esse mesmo sentimento de inconformismo ante essa realidade.

Chega-se à conclusão que todo educador realmente comprometido com a formação crítico-reflexiva de seu educando vai procurar maneiras para não ficar preso a esse emaranhado de ideologias que nos cercam, e sim, em formar sujeitos que sejam capazes de transformar a realidade em que estão inseridos.

Parte-se do princípio que “a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista: pois o **fascismo** não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1977, p.14).

Portanto, todas as pessoas, mesmo que inocentes dessa “arma” de persuasão, quando se comunicam, expressam suas ideologias e criam situações e artimanhas para influenciar o interlocutor. É inevitável, tanto que constitui terrível problema, já que gera a alienação e ignorância das massas que, por sua vez, acreditam em tudo o que ouvem sem ter perspicácia e capacidade crítico-reflexiva.

Neste sentido, fica evidente que a sala de aula é o ambiente adequado para a propagação do poder, no entanto, reafirma-se a intenção desse estudo, o professor ético e coerente com sua missão de formador da criticidade não pode, de forma alguma, deixar que as ideologias perpassem e cheguem até o aluno, seja por meio do livro didático ou até pela forma de apresentar o conteúdo, visto que Barthes (1977) vai acentuar essa questão dizendo que não é o conteúdo apresentado que contém marcas ideológicas, mas sim a forma com que o professor vai explicar esse conteúdo. Por exemplo, caso o professor seja contra a Pena de Morte, ele não pode, simplesmente, impor essa forma de pensar a todos os alunos, evitando que eles leiam textos que façam apologia a favor dessa lei, ao contrário, deve expor argumentos favoráveis e desfavoráveis às duas opiniões e, mais que isso, permitir que o próprio aluno discuta, analise, perceba e crie seu ponto de vista, de acordo com o que melhor estiver convencido.

O aluno, enquanto cidadão participativo, precisa aprender a pensar, criar suas próprias definições acerca da realidade em que está inserido, questionar, argumentar, defender o que pensa. Isso é ser um sujeito transformador, condição de uma minoria de pessoas, porque é justamente isso o que é conveniente para quem está no Poder, para quem está ganhando com isso. Os governantes e a camada abastada não querem que o aluno que passa necessidades aprenda que ele pode modificar essa situação e sim que vive nessas condições por uma questão de “vontade divina”, ou seja, não há explicação, é porque é.

O poder do discurso é aquele que trava o desenvolvimento intelectual, pois:

Nunca posso falar senão reconhecendo aquilo que se arrasta na língua. Assim que enuncio, essas duas rubricas se juntam em mim, sou ao mesmo tempo mestre e escravo: não me contento com repetir o que foi dito, com alojar-me confortavelmente na servidão dos signos: digo, afirmo, assento o que repito (BARTHES, 1977, p.15).

As pessoas não são capazes de criar um novo discurso, elas apenas se utilizam daqueles que ouviram e formulam o delas, como se fosse autêntico. Entretanto, Barthes (1977) propõe uma saída: o único meio onde o sujeito pode “trapacear” esses

complexos conchaves que a linguagem impõe é através da Literatura, onde não há nenhum discurso fechado e, subjetivamente, cada leitor pode tirar suas conclusões.

O livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, é dedicado aos “esfarrapados do mundo” e assim está em suas “Primeiras Palavras”: “Aos esfarrapados do mundo e aos que nele se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1970, p.12).

Neste trecho resume-se toda a luta embasada pelo pedagogo, já que mesmo que o sujeito tenha consciência de que é excluído e passível de ideologias predominantes, precisa lutar para transformar, e não se acomodar com a situação.

Freire (1970) afirma que a libertação é um “parto”, visto que o indivíduo parte da condição servil em busca da liberdade e que isso gera medo. Esse medo começa lá nas séries iniciais e decorre durante todos os níveis educacionais, denominada de educação “bancária”, aquela domesticadora e apassivadora:

A narração de que o educador é sujeito, conduz os educandos a memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem “enchidos” pelo educador (...). Educador e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também (FREIRE, 1970, p.33).

O que é proposto, enfim, é a concepção problematizadora, permeada de questionamentos e, principalmente, enxergando os educandos não como “objetos” incapazes de pensar, mas sim como seres humanos que possuem uma história e, portanto, são inacabados, ao mesmo tempo em que apresenta sua realidade precária não como algo fatal e intransponível, mas sim algo desafiador, algo possível de modificações, basta apenas que o sujeito efetive seu papel de transformador. Isso é humanizar.

Há uma intertextualidade com a música *Brasil*, de autoria de Cazuza, George Israel e Nilo Romero, onde essa alienação é colocada como um problema social.

A música retrata o eu - lírico excluído da “festa” por ser pobre e marginalizado, seu lugar é do lado de fora estacionando os carros, no entanto, ele tem plena consciência de que os “homens” querem que ele acredite em dogmas impostos e o seu questionamento inclusive é o porquê ele, dessa vez, não pôde participar, não pôde estar infiltrado, já que sabe da verdade.

Encontra-se uma crítica muito grande à mídia e seu forte poder ideológico e persuasivo na vida das pessoas:

“Não me sortearam

A garota do Fantástico

Não me subornaram

Será que é o meu fim?

Ver TV a cores

Na taba de um índio

Programada

Pra só dizer “sim, sim”.

A última frase remete ao “plim, plim” da Rede Globo, como veículo de comunicação fortemente ditador de “estilos de vida”.

Questiona-se no refrão, afinal, se antes o Brasil contava com o eu-lírico, confiava nele, por que agora as coisas mudaram, se ninguém tentou suborná-lo será que é o fim?

Finalmente, não há como negar, somos um país dividido em pobres e ricos, alienados e seres pensantes que, cada vez mais, buscam a expansão do poder através da linguagem dogmática e persuasiva que faz com que todos acreditem piamente que a realidade não pode ser mudada. Programas televisivos com baixíssimo nível intelectual têm como objetivo dispersar os eleitores para que não reflitam em quem votar nas próximas eleições. A educação é o único meio de salvação, os educadores precisam voltar seus olhares para a formação crítica de seu aluno e buscar questionar sempre o que está mascarado na sociedade. Nem tudo pode ser favorável às classes dominantes, os alunos precisam aprender a pensar!

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **Aula**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CAZUZA *et al.* **Brasil**. Márcia Alvarez. Rio de Janeiro: Poly gram e Sigla, 1988. sulco.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.